

[TT00183]

Os três médicos

Martins, Pena

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Os três médicos

PERSONAGENS.

MARCOS, velho, pai de ROSINHA e de MIGUEL, tenente de marinha.

LINO DAS MERCÊS, velho.

DR. MILÉSSIMO, médico homeopata.

DR. CAUTÉRIO, médico alopata.

DR. AQUOSO, médico hidropata.

Um criado.

A cena se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1845.

CENA I

(Sala em casa de MARCOS. Porta no fundo e à direita; mesa e cadeira.) (MARCOS, sentado junto à mesa, e a seu lado ROSINHA e MIGUEL. MARCOS mostra no semblante abatimento.)

MARCOS - Meus filhos, pouco tempo poderei viver. As forcas abandonam-me. Tenho o pressentimento que minha morte bem próximo está...

ROSINHA - Meu pai, não desanime! Espero em Deus que esta sua moléstia será passageira.

MARCOS - Passageira? Quando a vida assim se desorganiza é inevitável o seu fim.

MIGUEL - Êsse temor é que pode tornar a moléstia grave, quando talvez seja ela ligeira, e em grande parte devida aos anos.

MARCOS - Devida aos anos é ela, mas não como pensas...Os anos a têm exacerbado. Deus o sabe como!

ROSINHA - Mas os médicos...

MARCOS - Que pode a medicina em moléstia como a minha? AOS MÉDICOS NÃO TORNO a culpa, que fazem êles o que aprenderam, e o que podem. A ciência é muitas vêzes ineficaz.

MIGUEL - Se meu pai consultasse a outro médico...

MARCOS - A outro? Que mais queres que eu faça? São poucos os que aqui têm vindo? O meu médico assistente, o Dr. Cautério, é homem de reputação bem adquirida.

MIGUEL - Não contesto. Antigo, rotineiro e feliz muitas vêzes, mas se meu pai não tem colhido vantagem com seu tratamento, para que não chama, por exemplo, um médico homeopata?

ROSINHA - Assim é.

MARCOS - Não creio na homeopatia.

MIGUEL - Se a não conhece! Peço-lhe um favor: um de meus verdadeiros amigos é o Dr. Miléssimo. Há pouco que chegou de Paris, aonde estudou com muita aplicação a homeopatia. Permita que venha êle fazer-lhe uma visita.

MARCOS - Debalde! Nada espero...

MANUEL - O que lhe custa? Deixe-o vir; talvez tire-se proveito.

ROSINHA - Eu estou persuadida que êle será capaz de o por bom.

MARCOS - Pois bem, que venha. Não quero que se queixem de mim. Ouvi-lo-ei; pouco me custa.

ROSINHA - Já eu creio vê-lo restabelecido e passeando alegre por esta sala.

MARCOS - Alegre!... (LEVANTA-SE.) Escuta, Rosinha, falemos de ti, que és moça e que ainda podes viver longos anos - que isto por cá está velho e muito desarranjado. Quando eu morrer...

ROSINHA - Meu pai!

MIGUEL - Senhor!

Os três médicos

MARCOS - Quando eu morrer, ficareis desamparados...

MIGUEL - Oh, enquanto eu viver, minha irmã...

MARCOS - És oficial de marinha; hoje estás aqui, amanhã ali...Precária proteção! De um marido precisa tua irmã - e êste já escolhi.

MIGUEL - Quem é?

MARCOS - O meu amigo Lino das Mercês.

ROSINHA - Meu Deus!

MIGUEL - Êle?

MARCOS - É homem probo e honrado; tem a alma de um anjo. Far-te-á feliz. Isto posso eu dizer porque o conheço há muito tempo. Tenho-lhe estudado o carácter; andamos juntos na escola e desde êsse tempo dura a nossa amizade.

MIGUEL - Marido tão velho!

ROSINHA - (À PARTE) - Andaram juntos na escola!...

MARCOS - És um rapazola, Miguel e só por tua idade julgas capazes de tudo. Tu, minha Rosinha, tens mais juízo. Isto é um louco. Meu amigo Lino far-te-á feliz.

ROSINHA - Mas, meu pai, não desejo casar-me, e se...

MARCOS - Crê, filha, que à borda da sepultura ponho todo desvêlo em fazer-te ditosa...Casar-te-ás com êle, e em breve, que assim de pede teu pai...

ROSINHA - (À PARTE) - Não é possível, meu Deus!

MIGUEL - (À PARTE) - Veremos como isto será...

CENA II

(Entra LINO.)

LINO - (ENTRANDO) - Bom dia, amigo Marcos.

MARCOS - Oh, a propósito vens. (LINO: CUMPRIMENTA A ROSINHA E A MIGUEL.)

LINO - Como se acha? Melhor? Vejo-o mais forte...

MARCOS - Aparências, amigo...Isto caminha mal. Rosinha, Miguel, deixem-me com o meu amigo Lino.

MIGUEL - (À PARTE, PARA MARCOS) - Meu pai, pense bem no que vai fazer.

MARCOS - Tenho resolvido.

CENA III

(MARCOS E LINO)

LINO - O que queres de mim?

MARCOS - Já lá se vão trinta anos que nos conhecemos! Amigos velhos! Não te bastava êsse título, queres estreitá-lo mais.

LINO - Oh, tua filha é um anjinho. Faz-me muito feliz. E consente ela?

MARCOS - Consentirá, porque ama-me e respeita.

LINO - Oh, que contentamento! Que linda esposinha!

MARCOS - E é preciso apressarmos êste negócio.

LINO - Quanto antes! Oh, que dia será para mim!

MARCOS - Quero deixar-lhe um amparo neste mundo que cedo deixarei...

LINO - Ora, deixa-te disso! Ainda viverás, e muito, para veres os teus netinhos correrem por esta sala.

MARCOS - Conheço o meu estado...

LINO - História...

MARCOS - Sabes tu, Lino, o que é para o homem um temor contínuo, que por tôda a parte o persegue, que à noite o faz despertar banhado em suores frios, que no meio de parentes e amigos o traz sempre assustados e receoso e que o ameaça com a desonra?

LINO - Pois que vai?

MARCOS - Escuta-me amigo, devo descobrir-te um segredo e patentear-te assim a causa dêste meu mal. Há mais de quarenta anos que nos conhecemos; fôste testemunha de minha louca e desperdiçada mocidade...Rico sem parentes que me guiassem, vi-me cercado de amigos. Amigos!...

LINO - Tratantes...

MARCOS - Que pagavam-me com perniciosos exemplos e conselhos a fortuna que ajudavam a desperdiçar.

LINO - Quimistas!

MARCOS - Tu eras a única exceção.

LINO - E por isso brigavas sempre comigo...

MARCOS - Mocidade!...Amei! Uma moça acendeu o meu peito violenta paixão. Não conhecia obstáculos aos meus desejos, e dirigi-me a casa do pai, a fim de pedir-lhe a mão daquela que me fazia louco. Foi-me negada. A minha má reputação era conhecida; assim devia ser. Voltei para casa desatinado, revolvendo no pensamento milhares de projetos. Para desabafar-me, escrevi uma carta a Maurício, àquele que se dizia meu melhor e sincero amigo.

LINO - Oh, que grande patife!

MARCOS - Então não o conhecia eu...Foram estas as palavras da carta! "Meu amigo, êle negou-me a mão de Serafina, e suas desabridas palavras deixaram-me a cruel certeza que eu nunca a gozarei. Daria metade de minha fortuna para que êste homem não existisse." Carta

fatal! Criminoso pensamento!

LINO - Com efeito, não é dos mais cristãos...

MARCOS - Oito dias depois o pai de Serafina, quando entrava na porta de sua chácara, foi assassinado.

LINO - Bem me recordo! Mas ainda não se soube por quem.

MARCOS - Não adivinhas agora?

LINO - Maurício?

MARCOS - Sim, êsse monstro!

LINO - Eu bem te dizia que êsse tratante tinha nascido para fôrca!

MARCOS - Interpretou as palavras que eu escrevi no delírio da paixão; realizou o pensamento que apenas vislumbrava na minha delirante imaginação... Amigo cruel!

LINO - Boa laia de amigo!

MARCOS - Baldadas foram as pesquisas da polícia.

LINO - Andou tudo em pandareco...Que de conjeturas se fizeram!

MARCOS - E eu tive a criminosa fraqueza de aproveitar-me dêste crime tão atroz. Um ano depois eu estava casado com Serafina.

LINO - Lá disso não te culpo eu, porque enfim não fôste tu que mataste o velho.

MARCOS - Três anos depois de casado morreu minha mulher, deixando-me dois filhos.

LINO - Coitadinha, tão boa senhora que era!

MARCOS - E que a vida tem sido a minha, deste então! Perseguido por êsse homem infernal, que de amigo que se dizia tornou perseguidor, não encontro descanso. Senhor da carta que lhe eu escrevi, não cessa de ameaçar-me com a sua publicação, se de pronto eu não satisfizer os seus imoderados desejos. Metade de minha fortuna dizia eu que daria para que o pai de Serafina não existisse; mais da metade tenho dado a Maurício para que me entregue a carta fatal, mas o pérfido zomba de mim, e novas exigências acompanham novas promessas. O que será de mim, se êle a publicar?

LINO - Não tenhas medo...Em primeiro lugar, porque êle não quererá também denunciar-te; em segundo, por ainda teres fortuna para lhe pagares a discrição. O tratante achou em ti uma mina de carvão...

MARCOS - E quando eu tiver dado o último real, serei levado ao tribunal e arrastado à escada da fôrca, e meus filhos ficarão no mundo pobres e infamados! Eis o que me mata! Ainda dirás que me posso curar? O mal está aqui...

(APONTA PARA O CORAÇÃO)

LINO - Isto é apreensão de mais...O homem não é capaz de denunciar-te.

MARCOS -Tu não o conheces!
AMIGO, apressemos esse casamento, porque eu devo morrer quanto antes para salvar meus filhos.

LINO - Isto é mais nervos que outra coisa! Eu já pedi ao meu médico que viesse hoje ver-te. É hidropata; talvez te cure.

MARCOS - Que me importam médicos homeopatas ou hidropatas! Não te vas embora, passa

Os três médicos

o dia conosco. Tenho ainda que falar-te. Rosinha? Vou descansar um pouco, sinto-me muito fraco.

LINO - Não queres o braço?

MARCOS - Não, obrigado, aí vem a menina. (Entra Rosinha.) Ajuda-me. (Apoiado NO OMBRO DE ROSINHA SAI.)

CENA IV

(LINO, só.)

LINO - Não deixa de ter razão, mas o caso não é para tanto abatimento. Talvez que o meu doutor o ponha bom. Eu tenho cá para mim que o seu médico assistente, o Dr. Cautério, é um charlatão, aprendeu no tempo antigo. Pobre velho! Estou que não caibo na pele...De hoje a oito estarei casadinho!

CENA V

(CAUTÉRIO E LINO.)

CAUTÉRIO - Licença...

LINO - Oh, o Dr. Cautério! Como vai?

CAUTÉRIO - Como passa o nosso doente?

LINO - Anda muito apreensivo.

CAUTÉRIO - Mau é isso como o moral não podemos nós. Com licença. (ASSENTA-SE) Estou cansadíssimo! Má vida, Sr. Lino, má vida é a do médico!

LINO - O doutor zomba; dizem que é das melhores...

CAUTÉRIO - Experimentem-na.

LINO - Nenhum capital e avultados lucros...

CAUTÉRIO - Sempre esta questão de dinheiro...Questão eterna!

LINO - E vital!

CAUTÉRIO - Não contam os encômodos, os dissabores e os desgostos por que passamos. E os calotes...Somos como criados do povo. Julgam-se todos com direito ao nosso saber, tão arduamente adquirido e tão pouco reconhecido! Não temos hora, dia nem descanso...Salva-se o doente, agradece-se à natureza; morre o doente, culpa-se o médico. Que recompensa a noites de estudos e de insônia! Em nossos braços morrem a espôsa, o amigo, os filhos, sem que lhe possamos valer. A nossos pés se arrasta a deplorada família pedindo a vida para o seu pai, cabeça e arrimo, que todos os esforços da arte não puderam salvar. E essas cenas de angústia se reproduzem diariamente. Que vida! E invejam-na...

LINO - Êsse é o único lado mau. E o bom?

CAUTÉRIO - (LEVANTANDO-SE) - O único? E essa súcia de inovadores, magnetizadores, hidropatas e homeopatas com que lutamos todos os dias?

(TIRA UM JORNAL DO COMÉRCIO DA ALGIBEIRA.) Aqui estão nestas colunas as mais nojentas diatribes, os mais asquerosos insultos que êsses charlatões cospem contra a nossa face.

LINO - Nunca gostei destas descomposturas...

CAUTÉRIO - E que homem sisudo pode gostar? Discuta-se, argumenta-se e apresentem-se razões, e sobretudo fatos; seja a contenda científica, que será proveitoso; mas assim como ela apareceu e aparecerá ainda entre nós é pernicioso. Essas personalidades infames indispõem os homens e não esclarecem os médicos.

LINO - Mas doutor, o senhor e os seus também têm culpa nisso!

CAUTÉRIO - Fomos os agredidos! Assim devia ser...Quando se não tem razão, responde-se com insultos. E aonde iriam buscar os homeopatas razões convincentes para oporem às nossas? Onde? Há sistema mais absurdo e ridículo do que a homeopatia? Onde as bases em que se firmar - similia similibus curantur? Absurdo Contraria contrariis curantur - eis a verdade! Há nada mais natural e simples do que tratar o calor pelo frio, o seco pelo úmido, os humores pelos laxantes, a sua acridade pelo álcalis, etc. etc.? O contrário disto não tem o senso comum. A alopatia é o grande e verdadeiro sistema e...Mas, ai, que eu estou aqui a

questionar e o doente está a minha espera! Com licença. (SAI PELA DIREITO.)

Os três médicos

CENA VI

LINO - Êstes médicos são todos mais ou menos intolerantes. Cada um quer matar lá a seu modo, e brigam por isso como endemoninhados...

Safa! De medicina só a hidropata; Ao menos leva-se tudo à água fria, que se não faz bem, também não faz mal. (BATEM PALMAS À ESCADA.)

Quem é?

AQUOSO - (DENTRO) - Dá licença?

LINO - Oh, é o meu Dr. Aquoso! Pode entrar.

CENA VII

(AQUOSO E LINO. Aparece à porta AQUOSO.)

LINO - Sem cerimônia... (AQUOSO ENTRA) Já pedi ao amigo Marcos que o consultasse; está disposto a isto.

AQUOSO - Hei-de pô-lo bom!

LINO - Homem, isso agora é presunção de mais! Pois se ainda não sabe que moléstia êle tem?

AQUOSO - Tenha o que tiver, a hidropatia faz milagres!

LINO - (À PARTE) - Aí temos outro!

AQUOSO - Meu caro, Deus criou tanta água no mundo de balde.

Água fria e mais água fria é a grande panacéia universal. Água para tudo, em tudo, com tudo e por tudo - água por tôdas as partes... E salve-se a humanidade!

LINO - (RINDO) - Ah, ah, ah! Ó doutor, você devia trazer atrás de si uns poucos de ilhéus com carroças de água...

AQUOSO - Deixemos de zombaria. Onde está o doente? Quero arrancá-lo das garras da morte, isto é, das mãos de meus ignorantes colegas.

LINO - Espere, tenho de consultar-lhe sôbre um negócio. Tenho um conselho que lhe pedir.

AQUOSO - Muito me lisonjeia.

LINO - Mas há de prometer-me falar com sinceridade.

AQUOSO - Com tôda a sinceridade.

LINO - Dar-me-á o seu parecer nu e cru, sem temor de ofender-me?

AQUOSO - Eu o prometo.

LINO - Quero saber se faço bem em casar-me.

AQUOSO - Quem, vós?

LINO - Sim, eu mesmo em pessoa. Que pensa?

AQUOSO - Diga-me primeiro uma coisa...

LINO - O quê?

AQUOSO - Que idade tem?

LINO - Eu?

AQUOSO - Sim.

LINO - Não estou certo.

AQUOSO - O senhor tem pelo menos sessenta e oito anos.

LINO - Não há tal...E que os tenha? Os anos não valem nada. Ainda estou forte e bem conservado; não me troco por muitos moços.

AQUOSO - Meu amigo, falar-lhe-ei com franqueza, que assim exigiu de mim. Não se case. O homem de sua idade não deve fazer essa loucura; os inconvenientes são inumeráveis. Deixe-se disso, não se case...

Os três médicos

LINO - Hei-de me casar! E ninguém será capaz de persuadir-me do contrário. Por que não me hei-de casar? Essa é boa! Estou resolvido e muito resolvido.

AQUOSO - Isto agora é outro caso... Case-se, amigo.

LINO - Já pedi a moça.

AQUOSO - Case-se, meu amigo; faz muito bem.

LINO - Ainda estou bem disposto.

AQUOSO - Pois não, case-se.

LINO - Tenho uma saúde robustíssima. Que importa a idade? Ainda tenho todos os meus dentes.

(MOSTRA OS DENTES) O peito está perfeitíssimo...

(TOSSE.) Que lhe parece? As pernas vigorosas; sou capaz de dançar a polca. (DANÇA.) Se é loucura, estou resolvido a praticá-la.

AQUOSO - E terá muito juízo...

LINO - Então acha que eu faço bem?

AQUOSO - Oh, muito bem! Pois não, case-se, e quanto antes.

LINO - Um abraço! Muito me alegra que me dê esse conselho e que o meu amigo seja da minha opinião.

AQUOSO - Que idade tem a noiva?

LINO - Quinze anos!

AQUOSO - Ela tem quinze e o senhor tem sessen...Com a fortuna!

LINO - O que é?

AQUOSO - Nada, case-se, case-se.

(SAI PELA DIREITA, RINDO-SE.)

CENA VIII

(LINO, só e depois MIGUEL.)

LINO - Esta minha união há-de ser muito feliz. Todos riem-se quando eu falo nela; estou contentíssimo!

MIGUEL - (ENTRANDO) - Meu pai o chama. (LINO SAI)

CENA IX

(MIGUEL, só, e depois MILÉSSIMO.)

MIGUEL - Queres casar com minha irmã, gêbo? Eu te mostrarei como isto há-de ser...

MILÉSSIMO (ENTRANDO) - Miguel?

MIGUEL - Oh, por que não vieste mais cedo? Há uma hora que te espero.

MILÉSSIMO - Estive ocupado no Instituto Homeopático.

MIGUEL - Deixa-te de Instituto e dizê...

MILÉSSIMO - Que eu deixe do Instituto! Meu amigo, a ciência homeopática marcha com passos de Briareu; Hahneman triunfa e Broussais leva o diabo.

MIGUEL - Tu principias...

MILÉSSIMO - (COM ENTUSIASMO) - Os estúpidos e ignorantes alopatas já vão reconhecendo a nossa supremacia. Médicos carrascos, rotineiros, asnos enfim, que experimentam no mísero doente os seus infernais medicamentos, que misturam de um modo horroroso milhares de nojentas drogas em uma só receita; que furam, atassalham, queimam, martirizam e desgraçado paciente. Pobres doentes! Forte canalha! A homeopatia triunfa por tôda a parte. Os esclarecidos soberanos a acolhem em seu estado com os braços abertos.

MIGUEL - Dá-me atenção!

MILÉSSIMO - Hamburgo, Framcfort, Magdeburgo, Varsóvia, Moscou, Petersburgo, Dronstadt, Mannheim, Estrasburgo, Nápoles, Roma, Gênova, Londres e Paris, etc., ufanam-se de seguir os seus ditames. A homeopatia é o único e verdadeiro sistema médico. O próprio Hipócrates disse: "Vomitus curantur." O que é isto, senão homeopatia? O vitalismo é a base das mulheres doutrinas médicas. Bichat, Andral, Boerhaave, Paracelso, Cooper Astley, Chaussier, Thomassine, Dupuytren, o próprio Broussais foram homeopatas sem o saberem! (TIRA O LENÇO E ENXUGA O ROSTO.)

MIGUEL - Acabaste?

MILÉSSIMO - (CONTINUA COM MAIS CALOR) - Só foi dado a um homem, ao sublime Hahnemann, esclarecer o mundo!

MIGUEL - Ouve-me, com todos os diabos!

MILÉSSIMO - (CONTINUANDO) - Broussaisistas e broussaisistas levantam-se contra nós. Que importa?

MIGUEL - Ah, espera que te curo! (FALAM AMBOS AO MESMO TEMPO:)

MILÉSSIMO - Não admiram-me esses ataques. Quando a nova doutrina aparece no mundo médico, os mais virulentos críticos a perseguem; mas a verdade segue avante.

MIGUEL - É realmente uma desgraça! Êstes velhos são teimosos...E que remédio, senão fazer-lhes a vontade? Mas custa! Casar-se a minha pobre irmã, a minha querida Rosinha!

MILÉSSIMO - (DEIXANDO REPENTINAMENTE DE FALAR E DIRIGINDO-SE PARA MIGUEL) Rosinha? O que há de novo?

MIGUEL - (CONTINUA, SEM DAR ATENÇÃO A MILÉSSIMO) - Que casamento tão desproporcionado! Com um velho!

MILÉSSIMO - Falas de tua irmã?

MIGUEL - (NO MESMO) - Mas enfim, quando um pai exige, que remédio!

MILÉSSIMO - Responde-me, com os diabos!

MIGUEL - (NO MESMO) - Os filhos devem obediência ao pai. Quando manda, cumpre-se. De hoje a oito dias está casada.

MILÉSSIMO - (SACUDINDO-O PELO BRAÇO) - O que é isso de oito dias? Não me responderá?

MIGUEL - Oh, falava comigo? Não sabia.

MILÉSSIMO - Que casamento é êsse? Com quem? Quando? Como se resolveu? Depressa!

MIGUEL - Oh, já me dás atenção?

MILÉSSIMO - Olha que te esgano! (QUER-LHE AGARRAR NO PESCOÇO.)

MIGUEL - Chega-te para lá! Desde que entraste, esforço-me para te participar esta repentina resolução de meu pai, e tu a quebrares-me a cabeça com a maldita homeopatia.

MILÉSSIMA - Maldita?

MIGUEL - Ai, peor! Se continuas a atrapalhar-me, largo tudo de mão e deixo-te entregue a ti mesmo! E a mana ROSINHA casar-se-á com o velho Lino.

MILÉSSIMO - Com o Lino?

MIGUEL - Meu pai assim o quer; mas eu digo-te que ela se há-de casar contigo. Sou teu amigo, e os amigos conhecem-se nas ocasiões. O meu plano está traçado; Rosinha já está dêle informada. A ti nada digo, porque botarias tudo a perder com a tua homeopatia. Basta que estejas informado do ocorrido. Já falei a meu pai para te ouvir sôbre a sua moléstia. Ganha a sua confiança. Receita, dá-lhe glóbulos e tinturas mas não o mates.

MILÉSSIMO - A homeopatia não mata, a homeopatia...

MIGUEL - És incorrigível! Adeus, que vou ao quartel. Podes entrar quando quiseres. Até já. Atenção! (SAI.)

CENA X

(MILÉSSIMO E depois ROSINHA.)

MILÉSSIMO - (SÓ) Isto está mau! Se o velho ateimar, por mais que o Miguel faça, nada conseguirá. Maldito Lino! Agora é que eu desejava ser médico alopata, para te mandar desta para melhor vida! Entremos. (VAI A ENTRAR E APARECE ROSINHA.) - Rosinha, estou desesperado!

ROSINHA - Já sabe?

MILÉSSIMO - Teu mano tudo contou-me.

ROSINHA - Não desanime ainda!

MILÉSSIMO - Eu temo...

ROSINHA - O mano Miguel já combinou comigo.

MILÉSSIMO - E que pretendem vocês fazerem? (AQUI APARECE À PORTA LINO.)

LINO - (À PARTE.) - Olá! (PÁRA, A FIM DE OBSERVAR. ROSINHA, QUE O VÊ, CONTINUA A FALAR COM MILÉSSIMO COMO SE ESTIVESSEM SÓS.)

ROSINHA - (À PARTE) - Beije a minha mão.

MILÉSSIMO - Eu?

ROSINHA - (À PARTE) - Beije minha mão, depressa! (MILÉSSIMO BEIJA A MÃO DE ROSINHA. LINO DÁ UM PULO DE SURPRÊSA.)

LINO - (À PARTE) - Hum! (ARREPELANDO-SE)

ROSINHA - (À PARTE, PARA MILÉSSIMO) - Ajoelhe-se... (MILÉSSIMO AJOELHA-SE.) Beije...Mais... (MILÉSSIMO BEIJA-LHE A MÃO.)

LINO - (À PARTE) - Hum!

ROSINHA - (ALTO, PARA QUE LINO A OUÇA.) - Bem sabes quanto te amei e ainda te amo, mas devo obedecer a meu pai. Sou filha obediente, casar-me-ei com o senhor Lino.

MILÉSSIMO - Pois isso é deveras?

ROSINHA - Mas que importa que eu dê a minha mão a êsse homem?

MILÉSSIMO - (SEMPRE DE JOELHOS) - O que importa?

ROSINHA - Que o acompanhe ao altar? Serei sua mulher, preencheri os deveres de espôsa fiel, mas o meu coração será sempre teu.

LINO - (À PARTE) - Hum!

MILÉSSIMO - Mas isto não me basta!

ROSINHA - (CONTINUANDO) - E demais, conto com a sua avançada idade. Ele é velho, pouco pode viver. Ao depois nos uniremos.

MILÉSSIMO - Não é isto o que me prometeste?

LINO - Hum! (BATENDO COM OS PÉS.)

ROSINHA - (FINGINDO QUE VÊ LINO PELA PRIMEIRA VEZ.) - Ah, está aí meu futuro... (MILÉSSIMO LEVANTA-SE)

LINO - (À PARTE) - Futuro espantalho...

ROSINHA - Chegue-se para cá.

MILÉSSIMO - (À PARTE, PARA ROSINHA) - Zomba!

ROSINHA - Tenho a satisfação de apresentar-lhe o Sr. Lino das Mercês, meu futuro espôso.

MILÉSSIMO - Oh, Senhor, tenho muito prazer em o conhecer... (CUMPRIMENTAM-SE A PARTE, PARA ROSINHA.) Mas...

ROSINHA - É pessoa muito de bem e condescendente; conhece a pureza do nosso amor e não estranhará que continuemos a amarmo-nos.

MILÉSSIMO - Oh, senhor, tanta bondade! (CUMPRIMENTAM-SE. LINO JÁ NÃO PODE DAR PALAVRA, SURPREENDIDO PELO QUE OUVI, E SÓ SE LHE NOTA NO SEMBLANTE EXTREMA SURPRÊSA. MILÉSSIMO, TOMANDO ROSINHA À PARTE:) ACABEMOS com isto, senão despropósito!

ROSINHA - Se despropósitas, tudo se perde.

MILÉSSIMO - Então casa-te com êle?

ROSINHA - Não.

MILÉSSIMO - Mas que...

ROSINHA - É o plano combinado com o mano Miguel.

MILÉSSIMO - Ah, por que não me previniste?

(RINDO-SE) Ah, ah, ah! Meu amigo, (ENCAMINHA-SE PARA LINO, QUE RECUA) aperte-me esta mão. (SEGUE A LINO ATÉ JUNTO AO BASTIDOR, TOMA-LHE A MÃO E SACODE COM FÔRÇA.) Sejamos amigos! (TRAZENDO PARA O MEIO DA CENA:) Sua futura é uma pérola...Dê-me um abraço! (ABRAÇA-O COM FORÇA.) Que ventura, ter tão amável mulher e tão verdadeiro amigo! Outro abraço! (ABRAÇO-O) Somos ambos felizes, muito felizes! (CHEGA-SE PARA ROSINHA, AJOELHA-SE.) Permita que eu toque com os meus lábios e esta nevada mão. (BEIJA-LHE A MÃO E LEVANTA-SE.) Adeus, meu caro e íntimo amigo, vou ver o doente. (SAI PELA DIREITA. LINO VÊ TUDO, ESTUPEFACTO.)

CENA XI

(ROSINHA E LINO.)

ROSINHA - A SEVERIDADE de meu pai tem-me trazido em abominável sujeição. Há muito tempo que me desesperava a pouca liberdade que tenho, e mil vêzes tenho desejado casar-me para fazer a minha vontade. Graças a Deus, felizmente apareceste, e eu vou recobrar o tempo perdido! Seremos ditosos! Em bailes, partidas, teatros, jantares esplendidos, passeios campestres passaremos a vida. Ainda não gozei do mundo - sempre em casa, fechada com meu pai! Venha agora a desforra! A teu lado serei a mais feliz das mulheres. Daremos uma partida tôdas as semanas, convidaremos os nossos amigos, teremos carruagem, carrinhos e caleças para passearmos, chácaras para passarmos os domingos, camarotes para ambas as companhias - Italiana e dramaturgica, criados, damas de companhia, esplêndidos aparelhos, casa suntuosa - enfim, passaremos vida de bem-aventurados! Estarás sempre a meu lado, e quando os teus achaques - perdoe-me, se já te falo com esta familiaridade -, quando os teus achaques da velhice te prenderem em casa, aí está o teu novo amigo para acompanhar-me ao passeio e ao teatro; para fazer as tuas vêzes nos jantares que dermos...Tu o receberás com candura...Em nossa mesa haverá sempre um talher pôsto para ele. Que ventura a minha! Como tarda o dia da nossa feliz união! Adeus, espôso, até logo. (SAI PELA DIREITA. LINO FICA POR ALGUNS INSTANTES SEM DAR PALAVRA, OLHANDO PARA A PORTA POR ONDE SAIU ROSINHA.)

LINO - E então? (MOMENTO DE SILÊNCIO.) Já não me quero casar. Estou muito velho, não posso com isso. Vou desmanchá-lo. Mas como? E o meu amigo? E minha palavra? Em boa estou metido! Oh, que menina, oh, que pérola! Nada, nada, estas coisas não são para mim...Não posso, estou muito velho...Vou-me aconselhar com o Dr. Aquoso, êle ai vem!

CENA XII

(Entra o Dr. AQUOSO, desesperado sem ver LINO.)

AQUOSO - São uns ignorantes, ignorantíssimos, corja de coveiros!

LINO - (À PARTE) - Que diabo tem êle?

AQUOSO - (NO MESMO) - Sustentarei até o último alento que não há no mundo bêstas mais bêstas do que vós meus caríssimos colegas!

LINO - (À PARTE) - Ai, que brigaram!

AQUOSO - (NO MESMO) Querem curar assim? Babau! Assassinos de profissão, de borla e capelo...Desgraçados dos que se entregam em suas mãos! Receitem, matem, que darão contas a Deus.

LINO - O homem está bravo! Doutor?

AQUOSO - (NO MESMO) - Que absurdos, que burrices!

LINO - Doutor, ouça-me... (TOMANDO-O PELO BRAÇO.)

AQUOSO - Oh, o que quer?

LINO - Queria que me desse um parecer...

AQUOSO - (VOLTANDO-SE PARA A PORTA POR ONDE SAIU) - Estais em vosso juízo? Sabeis bem o que fazeis?

LINO - Eu vos...

AQUOSO - E que responsabilidade pesa sôbre vós?

LINO - Faça-me o obséquio...

AQUOSO - Assim se mata um homem, de sangue frio...

LINO - Não me deixará falar, homem?

AQUOSO - E abusa-se da ciência?

LINO - (TOMANDO-O PELO BRAÇO.) O que é isto doutor, ofenderam-no?

AQUOSO - Oh, de uma maneira horrorosa! Ousarem argumentar comigo e sustentarem que a água fria não é remédio eficaz para curar tôdas as moléstias!

LINO - Isto é uma blasfêmia!

AQUOSO - Blasfêmia horrível! Quero ver o que fazem os cáusticos, as bichas, as ventosas e todo êsse aparelho infernal...

LINO - (À PARTE) - É preciso ir com êle... (ALTO:) É verdade, quero ver o que fazem.

AQUOSO - Ou essas tinturas e ninharias homeopáticas!

LINO - (VOLTANDO-SE PARA A PORTA.) - Ignorantes!

AQUOSO - (VOTANDO-SE PARA A PORTA) - Burros!

LINO - (NO MESMO, ENQUANTO AQUOSO PASSEIA PELA SALA) - Sois muito atrevidos em quererem argumentar com um homem como o doutor, de tão abalizados conhecimentos! É imprudência e desafôro. Deveríeis ouvir contritos as suas opiniões e segui-las à risca, mas o orgulho vos perde e a ignorância vos sustenta. (AQUI AQUOSO SAI

Os três médicos

SEM QUE LINO DÊ FÉ.) Longa experiência tem-lhe demonstrado que água fria é o remédio universal - o mais é absurdo e ridículo. Só a estupidez pode seguir outro trilho, loucos, malvados, assassinos! Doutor, estais vingado! (VOLTANDO-SE PARA A CENA:) Agora, ouça-me. Que é dêle? Foi-se! e esta! E eu a esgoelar-me...Isto hoje vai bem! E a menina e a sua arenga, que não me saem da cabeça...Ao amigo Marcos não ousou dizer nada. Boa lembrança, vou empenhar-me com o Dr. Cautério a ver se êle desmancha honradamente êste casamento que já se me atravessou na garganta. Vamos, falemos ao doutor. (VAI A SAIR PELA DIREITA E É ABORDADO PELO DR. CAUTÉRIO, QUE ENTRA COM IMPETUOSIDADE.) Doutor? (CAUTÉRIO, SEM DIZER PALAVRA, ENDIREITA-SE PARA A PORTA DO FUNDO.) Doutor? Doutor? (CAUTÉRIO SAI) Lá vai outro com o diabo nas tripas. Desta salva-se, ou morre o doente... E eu sem decidir coisa nenhuma. O remédio é entender-me com o meu novo e sincero amigo...Safa com tal sinceridade! Que pérola!... (VAI PARA SAIR)

CENA XIII

(MILÉSSIMO ENTRA ARREBATADAMENTE.)

MILÉSSIMO - Seria esquecer-me de todos os preceitos de humanidade, se o deixasse entregue a êsses algozes.

LINO - Doutor, faz o obséquio...

MILÉSSIMO - Ver assim assassinar a um homem! Que assassinado morrerá êle, se isto continua.

LINO - Parece que se ajustaram!

MILÉSSIMO - Onde está o senso comum desta gente? Que fazem da inteligência? Inteligência? Essa não a têm êles, que se a tivessem abandonariam a horrível prática que seguem. (AQUI ENTRA PELO FUNDO UM PAJEM COM UMA CARTA NA MÃO E SAI PELA DIREITA.)

LINO - (À PARTE) - Êste também está doido...Não arranjo nada. (VAI A SAIR PELA DIREITA; MILÉSSIMO TRAVA-LHE O BRAÇO)

MILÉSSIMO - Diga-me, meu caro, o senhor é amigo verdadeiro do dono desta casa?

LINO - Prezo-me de o ser.

MILÉSSIMO - Pois previno-o que êle vai ser vítima do mais horríssono atentado.

LINO - Um atentado? Explique-se...

MILÉSSIMO - Matam-no hoje mesmo.

LINO - Matam-no? E quem?

MILÉSSIMO - O Dr. Cautério, êsse infernal alopata, êsse...

LINO - (RINDO-SE) - Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO - O senhor ri, se o caso é de morte!

LINO - Doutor, nós os conhecemos e muito bem avaliamos a amizade que há entre os senhores médicos.

MILÉSSIMO - Engana-se! Não fala em mim o espírito de sistema. À cabeceira do doente, só trato de salvá-lo. Abandono controvérsia e animosidade. Por isso digo-lhe com íntima convicção que o sr. Marcos pode-se contar como defunto, se continuar a tratar-se, como acaba de assegurar-me, com o Dr. Cautério, com êsse estúpido e ignorantíssimo alveitar. Meu amigo, peça-lhe um favor. Eu vou a casa buscar a minha botica homeopática, quero preparar aqui mesmo uma tintura para o nosso amigo e doente. No entretanto, resolva-o a abandonar o seu assassino.

LINO - Mas...

MILÉSSIMO - Resolva-o, meu amigo, resolva-o, que eu já volto. Asnos, estúpidos!

(SAI)

CENA XIV

(LINO, só, e depois MARCOS.)

LINO - E que tal? Não sei se os doutores homeopáticos são alguma coisa em medicina, mas em descompostura posso afiançar que são insignes. Que gente! E atrapalharam...E o diabo da menina não me sai da cabeça! Nada, o melhor é decidir a falar ao amigo Marcos...Coragem! (VAI A ENTRAR E ENTRA MARCOS COMO ALUCINADO. TRAZ UMA CARTA NA MÃO.)

MARCOS - (ENTRANDO) - Estou perdido, perdido!

LINO - (À PARTE) - Também ele...

MARCOS - Desgraçado de mim!

LINO - (SEGUINDO) - O que é? O que aconteceu?

MARCOS - Que farei?

LINO - Mas o que foi?

MARCOS - Lê esta carta; dêsse maldito homem que será a causa de minha perdição. (DÁ-LHE A CARTA.)

LINO - (LENDO) - "Caríssimo amigo, não sei como isto acontece. O dinheiro em minha mão voa, e cada vez tenho mais necessidade dêle...Manda-me dinheiro - bastam-me dois contos. Senão...Entendes-me?"

MARCOS - Desgraçadamente...Continua...

LINO - (CONTINUANDO A LER) - "Esquecia-me dizer-te uma coisa. Antes de ontem vi tua filha à janela. Gostei dela e quero que seja minha mulher. Arranja isto de modo que dentro de oito dias esteja tudo concluído; ando encomodado e não quero morrer sem mulher. Trata do dote, mas vê lá o que fazes - quero que seja avultado. Só assim te entregarei aquela cartinha que me escreveste há dezesseis anos...Bem sabes, se tiveres a petulância de negares o que eu peço, vai tudo com os diabos, e terei a satisfação de te ver dançar na fôrça a meu lado. Adeus. Medita e responde. Teu do coração, Maurício."

MARCOS - Quem me salva, quem me salva?

LINO - Prudência, e pensemos.

MARCOS - Meu Deus!

LINO - Lamentações para o lado, e vejamos o meio de remediar isto.

MARCOS - Não há meios que valham!

LINO - Manda-lhe o dinheiro...

MARCOS - E mais exigirá, e mais, e sempre mais, e por fim minha filha!

LINO - Vou falar-lhe...

MARCOS - Nada conseguirás.

LINO - O caso é de atrapalhar...

MARCOS - Desgraçado! Meus queridos filhos! Que eu viva assim!...

LINO - Ocorre-me uma idéia. Já viste representar-se Catarina Howard?

MARCOS - A ocasião é boa para zombares!

LINO - Quem zomba? Já viste também Julieta e Romeu?

MARCOS - Lino!

LINO - Escuta. Catarina vê-se atrapalhada pelo rei, finge-se morta; Julieta, embaraçada com o pai que a quer obrigar a casar contra sua vontade, também finge-se morta...Faze tu outro tanto.

MARCOS - Mas quem...

LINO - Vai para dentro, comunica a tua filha êste nosso plano veste o teu hábito de irmão terceiro e deita-te na cama, e morre.

MARCOS - Morre!...

LINO - Faze de conta. Logo que fores defunto, principiará em casa a choradeira e lamentações. Chamam-se os armadores para armar a porta da rua; a notícia espalha-se pela cidade e no entretanto eu corro a casa do tal patife, que já informado de tua morte - as más notícias voam - se acomodará mediante alguma pequena vantagem. Que te parece a lembrança?

MARCOS - E julgas que assim êle se acomodará?

LINO - E que remédio terá ele? De que valor lhe ficará sendo a tua cartinha, logo que estejas morto? E sôbre o temor que tens da morte que êle especula.

MARCOS - E o que é preciso fazer?

LINO - O que eu já te disse. (EMPURRANDO PARA DENTRO:) Vai para dentro, vai, veste o hábito e deita-te... E morre... Anda, vai morrer. (MARCOS SAI) Se eu não fôsse seu verdadeiro amigo, deixava-o entregue a si mesmo e descartava-me assim da filha, mas isto seria infame. Veremos o efeito que faz a sua morte. No que dará tudo isto? O dia hoje vai bem. Excelente, pois não?

CENA XV

(FAZ SEMBLANTE DE SAIR. DIZ PARA OS PRETOS:) Acompanhem-me.

LINO - (RETENDO-O) Espera! Não sabe o que lhe aconteceu?

AQUOSO - Acontecesse o que acontecesse, hei-de salvá-lo! (AQUI ENTRA O DR. MILÉSSIMO, TRAZENDO DEBAIXO DE BRAÇO UMA BOTICA HOMEOPÁTICA.)

MILÉSSIMO - Eu que hei-de salvá-lo!

AQUOSO - Quem? O senhor?

MILÉSSIMO - Eu sim? Eu mesmo, com uns glóbulos que vou administrar-lhe.

AQUOSO - Desta me rio eu! Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO - De que se ri?

LINO - Senhores, muito me penaliza participar-lhes que o meu amigo Marcos...

MILÉSSIMO - Espera, isto ao depois! Quero primeiro que o senhor doutor Aquário diga-me por que se ri dos meus glóbulos!

AQUOSO - (RINDO-SE) - Tratar um doente com glóbulos... Ah, ah!

MILÉSSIMO - Doutor!

LINO - Senhores, eu...

MILÉSSIMO - (VENDO OS NEGROS DE BARRIS, DESATA A RIR) - Ah, ah! Aquilo é água fria?

AQUOSO - É!

MILÉSSIMO - Tratar um doente com água fria! Ah, ah!

LINO - Um só momento de atenção, quero participar-lhes...

MILÉSSIMO - (RINDO-SE) - Logo dois barris! O doente pegou fogo? Ah, ha! (OS DOIS RIEM-SE, DIZENDO, um - glóbulo - e outro água fria.)

LINO - (ENQUANTO DOS DOIS RIEM-SE) - E então? Quando os médicos se ajuntam, ou brigam ou escarnecem-se. (AQUI ENTRA O DR. CAUTÉRIO, SEGUIDO DE UM MOÇO QUE TRAZ UM GRANDE VIDRO COM BICHAS.)

CAUTÉRIO - (ENTRANDO) - Já aqui estão?

LINO - Doutor? (VAI PARA JUNTO DÊLE, FICANDO LINO E CAUTÉRIO AO FUNDO, E MILÉSSIMO E AQUOSO À FRENTE, RINDO-SE SEMPRE)

CAUTÉRIO - (PARA LINO) - De que se riem?

LINO - Asneira.

CAUTÉRIO - Deixá-los! Vou aplicar estas bichas.

MILÉSSIMO - Bichas? (VOLTANDO-SE E VENDO O DR. CAUTÉRIO.) Oh, por cá? O que é isto de bichas? Quem falou em bichas?

CAUTÉRIO - Eu!

MILÉSSIMO - Bichas!

CAUTÉRIO - (À PARTE) - Temos bulha!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

CAUTÉRIO - Senhores! Curem os médicos, qualquer que seja o sistema que julgarem convenientes.

MILÉSSIMO - E quem são os que matam?

(OS TRÊS AO MESMO TEMPO, APONTANDO CADA UM PARA OS OUTROS DOIS) - Os senhores!

LINO - Olá!

OS TRÊS - (NO MESMO) - Os senhores insultam-me!

LINO - Basta! Tôda esta contenda se acabará quando souberem que o doente...

MILÉSSIMO - Há-de ser curado por mim! (PEGA NA BOTICA QUE DEIXOU SOBRE A MESA.)

AQUOSO - Há-de ser por mim! (PARA OS NEGROS:) Tragam a água. (ENCAMINHA-SE PARA A PORTA DA DIREITA.)

CAUTÉRIO - Há-de ser por mim! (PARA O MOÇO:) Traz as bichas. (OS TRÊS MÉDICOS CHEGAM AO MESMO TEMPO À PORTA DA DIREITA. NESSE MOMENTO ENTRA ROSINHA, CHORANDO.)

CENA XVI

ROSINHA - (ENTRANDO) - Que desgraça, que desgraça!

CAUTÉRIO - O que aconteceu?

MILÉSSIMO - O que foi?

ROSINHA - Que infortúnio é o meu! (ASSENTA-SE JUNTO À MESA.)

AQUOSO - Seu pai?

ROSINHA - Expirou neste momento.

TODOS - Morreu!

LINO - (COM EXCLAMAÇÃO) - Meu amigo! (SAI PELA DIREITA)

AQUOSO - ASSIM devia ser...

MILÉSSIMO - Se foi tratado pelo Sr. Dr. Cautério!... (CAUTÉRIO ESTÁ COMO PENALIZADO PELA NOTÍCIA.)

AQUOSO - Sangue e mais sangue tirado!

MILÉSSIMO - Cáusticos e mais cáusticos!...

AQUOSO - À extrema fraqueza segue-se a morte...

MILÉSSIMO - Após o martírio vem a morte...

AQUOSO - (PARA CAUTÉRIO) - Colega, mataste o doente!

MILÉSSIMO - Colega, assassinaste ao homem!

CAUTÉRIO - Deixem-me!

AQUOSO - Não lhe dizia que o tratamento seguido daria com ele na tumba?

Aí está!

MILÉSSIMO - E que a infernais drogas o enviariam ad patres?...

AQUOSO - Não quis ouvir-me...

MILÉSSIMO - Ateimou em suas aplicações...

CAUTÉRIO - Ai, que se vão-me as orelhas esquentando!

ROSINHA - Meu infeliz pai!

CENA XVII

(Entra Lino)

LINO - (ENTRANDO) - Já está frio!

CAUTÉRIO - Vou vê-lo.

LINO - (RETENDO-O) - Aonde vais? Já não o pode valer.

MILÉSSIMO - Não lhe valeu em vida; agora depois de morto, é que quer curá-lo. Para que o matou?

ROSINHA - Meu pai! (LINO CHEGA-SE PARA ELA, COMO CONSOLANDO-A.)

CAUTÉRIO - (CHEGA-SE PARA MILÉSSIMO E AQUOSO, ARREBATADO) - Os senhores terão a bondade de não me darem nem mais uma palavra!

MILÉSSIMO - E se eu der?

AQUOSO - E se eu me não calar?

CAUTÉRIO - Previno-os que a paciência tem limites...

MILÉSSIMO - O assassinato também tem limites, e no entanto todo dia assassinam-se homens com a maldita alopatia.

CAUTÉRIO - Senhor!

AQUOSO - Se só usassem de água fria...

MILÉSSIMO - Vá-se você também ao diabo com a sua água fria!

AQUOSO - Vá ele, não seja tolo! (AQUI ENTRE MIGUEL. LINO, VENDENDO-O ENTRAR, DIRIGE-SE PARA ÊLE; FALAM EM SEGRÊDO. LINO, SURPRÊSO PELO QUE LHE DIZ MIGUEL, CHEGA-SE PARA ROSINHA, FALA COM ELA E SAEM TODOS OS TRÊS APRESSADOS PELA DIREITA. OS TRÊS MÉDICOS FICAM EM CENA QUESTIONANDO, SEM VEREM OS QUE SAEM.)

MILÉSSIMO - Tolo?

CAUTÉRIO - Mais do que tolo é êle: é atrevido!

MILÉSSIMO - Atrevido?

AQUOSO - E ignorante...Com os seus glóbulos!...

CAUTÉRIO - E Charlatão!

MILÉSSIMO - E tu, com os teus cáusticos bichas, e tu, com a água fria? Burros!

AQUOSO - Burro é ele, que mata os doentes (a) couces.

CAUTÉRIO - Se o doente estivesse nas tuas mãos, já há muito que tinha espichado a canela.

MILÉSSIMO - Havia salvá-lo! Tu é que o mataste, carrasco e esfolaburros!

CAUTÉRIO - Patife!

MILÉSSIMO - (SEGURANDO CAUTÉRIO PELA CASACA) - Quem é patife? Tratante!

CAUTÉRIO - Tire as mãos, sô alveitar!

AQUOSO - Largue o outro e fale comigo, sô beladona!

Os três médicos

MILÉSSIMO - Hei-de te ensinar a ti e a êste toleirão!

AQUOSO - (SEGURANDO MILÉSSIMO PELA CASACA) - Quem é toleirão?

MILÉSSIMO - Tu! (MILÉSSIMO DÁ UMA BOFETADA EM AQUOSO; CAUTÉRIO DÁ OUTRA EM MILÉSSIMO. PRINCIPIAVA ENTRE OS TRÊS UMA LUTA DE PANCADAS E DESCONPOSTURAS AS LIBITUM.)

CENA XVIII

(MARCOS, vestido de hábito de terceiro Santo Antônio, aparece a porta, seguido de LINO, MIGUEL E ROSINHA.)

MARCOS - (ENTRANDO) - Estou salvo! (OS TRÊS MÉDICOS ESPANTAM-SE VENDO MARCOS.)

OS TRÊS - O defunto! (RECUAM ESPAVORIDOS PARA A EXTREMIDADE ESQUERDA DO TEATRO, OS DOIS NEGROS (E) O MOÇO DAS BICHAS DEITAM A CORRER PELA PORTA AFORA.)

MARCOS - Estou salvo!

OS TRÊS - Ressuscitou!

MARCOS - (PARA OS MÉDICOS) - Meus amigos, alegrem-se comigo.

OS TRÊS - Não fui eu que matei, foi aqui o meu colega. (EMPURRAM UM PARA DIANTE DO OUTRO.)

MARCOS - (CHEGANDO-SE PARA ELES.) - Que temor é esse?

OS TRÊS - Ai!

LINO - Doutores, olhem que o homem está vivo.

OS TRÊS - Vivo?

MARCOS - E bom de todo.

AQUOSO - Pois não morreu?

MARCOS - Não me vê?

CAUTÉRIO - (PARA LINO) - Que gracejo foi êste, senhor?

MARCOS - Doutor, não se altere. Uma causa moral trazia-me acabrunhado e em breve me levaria a sepultura. Um homem existia cuja vida era o meu tormento; mas graças a Deus essa causa moral desvaneceu-se e esse homem deixou de existir. O senhor Maurício morreu, e eu estou salvo!

MILÉSSIMO - O senhor Maurício morreu?

MIGUEL - Há uma hora.

MILÉSSIMO - Morreu? Não é possível!

CAUTÉRIO - (RINDO) - Ah, ah, ah!

MARCOS - De que se ri?

CAUTÉRIO - O médico do senhor Mauricio, aquele que o tratava nessa pequena indisposição de que morreu, é ali o Sr. Dr. Miléssimo...

MARCOS - (CORRE PARA MILÉSSIMO E O ABRAÇA.) - Meu amigo, quanto lhe devo!

CAUTÉRIO - Tratou-o homeopáticamente... Ah, ah, ah!

MARCOS - O senhor foi quem o matou?

CAUTÉRIO - Foi ele, sim. Ah, ah!

AQUOSO - Foram os seus glóbulos... Ah, ah!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Os três médicos

MARCOS - Meu salvador, exige de mim o que quiserdes. Tudo vos darei.

MILÉSSIMO - Senhor...

MARCOS - Como vos hei-de eu recompensar êste tão insigne serviço, como agradecer-vos?

LINO - Só de um modo...

MARCOS - E qual é êle?

LINO - O senhor doutor Miléssimo, matando o senhor Maurício, salvou-te a vida; e este serviço não há ouro que pague. Assim, dá-lhe a mão de tua filha.

MILÉSSIMO - Oh!

MARCOS - A mão de minha filha?

LINO - Só assim te desobrigarás. (À PARTE) ...E eu me verei livre dela.

MILÉSSIMO - Assim também penso eu...

MARCOS - (PARA LINO) - Mas tu desistes?

LINO - Sacrifico-me à amizade e à gratidão.

MARCOS - E tu, filha?

ROSINHA - O que posso eu hoje negar a meu pai?

MARCOS - Vem cá. (PARA MILÉSSIMO) - Aqui está minha filha. É a maior recompensa que lhe posso dar. Sou grato; só uma coisa lhe peço, e é que não há-de curar em minha casa. O Doutor (VOLTA-SE PARA CAUTÉRIO) Continuará a ser o meu médico; com ele me entendo eu. Está por isso?

MILÉSSIMO - O que não farei eu para agradá-lo?

MARCOS - Excelentemente. Amigo, Miguel, um abraço. (ABRAÇAM-SE FORMANDO UM GRUPO.)

CAUTÉRIO - (PARA MILÉSSIMO) - Colega, de hoje em diante acreditarei no vosso sistema, porque já vi um homeopata ressuscitar a um morto fazendo uma morte... Ah, ah, ah!

AQUOSO - Ah, ah, ah!

MILÉSSIMO - Colegas, toda a cura é boa, quando a paga é igual a esta. (MOSTRA ROSINHA)

LINO - (PARA AQUOSO) - Doutor, preciso de meia dúzia de clisteres de água fria para não me meter em outra...

MILÉSSIMA - Feliz de mim! E viva a homeopatia!

TODOS - (RINDO-SE) - Viva a homeopatia! (CAI O PANO.)

